

INTERDEPENDÊNCIAS ESTABELECIDAS NA CONFIGURAÇÃO FUTEBOLÍSTICA AMADORA PONTAGROSSENSE: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA (2013-2016)¹

Edilson de Oliveira

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Miguel Archanjo de Freitas Junior

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Bruno José Gabriel

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo foi interpretar e analisar as interdependências estabelecidas na configuração futebolística amadora da cidade de Ponta Grossa (PR), entre os anos de 2013 e 2016. Para tanto, optou-se pelos direcionamentos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo compreensivo da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo investigado. Neste período, observou-se os indivíduos nos jogos oficiais, nas peladas, nos jogos treino, nos amistosos e nos espaços de socialização, totalizando 120 saídas *in loco*. Concluiu-se que nesta configuração existem micro tensões nas ordens estabelecidas na sociedade, as quais podem contribuir para a mudança de certos *habitus* em longo prazo, auxiliando no empoderamento dos indivíduos marginalizadas em outras configurações sociais.

Palavras-chave: Futebol amador. Etnografia. Configuração.

INTERTERDEPENDENCIES ESTABLISHED IN THE AMATEUR FOOTBALLISTIC CONFIGURATION OF PONTA GROSSA: AN ETHNOGRAPHIC ANALYSIS (2013-2016)

Abstract

The aim of this article was to interpret and analyze the interdependencies established in the amateur soccer configuration of Ponta Grossa, between the years of 2013 and 2016. For that purpose, it was chosen the directing of ethnography, since they guide the researchers in the understanding process of “vision about The world” of the individuals belonging to the investigated group. In this period, were observed these individuals in official matches, in pick-up soccer games, in training sessions games, in friendly matches and in leisure spaces, totaling 120 enquiries in loco. It was concluded that in this configuration there are micro-tensions to the orders established by the society, which can contribute to the change of certain habitus in the long term, contributing to the empowerment of the marginalized individuals in other social configurations.

Keywords: Amateur football. Ethnography. Configuration.

¹Apoio financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

INTERDEPENDENCIAS ESTABLECIDAS EN LA CONFIGURACIÓN FUTBOLÍSTICA AFICIONADO DE PONTA GROSSA: UN ANÁLISIS ETNOGRÁFICO (2013-2016)

Resumen

El objetivo de este artículo fue interpretar y analizar las interdependencias establecidas en la configuración futbolística aficionado de Ponta Grossa, entre los años de 2013 y 2016. Por tanto, se optó por los direccionamientos de la etnografía, pues ellos guían a los investigadores en el proceso comprensivo de la “visión sobre el mundo” de los individuos pertenecientes al grupo investigado. En este período se observó a los individuos en los juegos oficiales, en las “recochas”, en los entrenamientos, en los amistosos y en los espacios de socialización, totalizando 120 salidas *in loco*. Se concluye que en esta configuración existen micro tensiones al orden establecido socialmente, las cuales pueden contribuir para el cambio de ciertos *habitus* a largo plazo, auxiliando al empoderamiento de los individuos marginalizados en otras configuraciones sociales.

Palabras clave: Fútbol aficionado. Etnografía. Configuración.

Introdução

A formação cultural engloba elementos que vão desde a política, a educação e as finanças, chegando a outros muitas vezes secundarizadas, como a literatura, o cinema, a música, o lazer e o esporte. Observar estas configurações a partir de suas cadeias de interdependência permite ao pesquisador ampliar a compreensão dos usos cotidianos da cultura e das relações vivenciadas nas sociedades em que elas estão dispostas (DOMINGOS, 2012). Destarte, este sistema entrelaçado de signos passíveis de interpretação deve ser entendido como um contexto, dentro do qual os acontecimentos sociais, as instituições ou as relações de poder precisam ser descritas densamente (GEERTZ, 2008).

Deste modo, ao pensar o futebol no Brasil, como um ritual estruturado por regras cultural e socialmente estabelecidas, encontramos elementos que nos permitem visualizar a interiorização e exteriorização do funcionamento hierárquico e da igualdade ou desigualdade social nos processos de socialização dos brasileiros. Mais que uma prática esportiva tipicamente brasileira, de acordo com Damatta et al (1982) o futebol apresenta-se como um elemento chave para uma melhor interpretação da nossa sociedade, pois trata-se de um espaço privilegiado para compreensão dos dilemas sociais vivenciados cotidianamente.

Devido a esta significância cultural, este autor entende que discutir futebol é argumentar sobre os dilemas, os problemas e os lances que a vida nos faz experimentar independentemente de condição social. Vale ressaltar que ao longo das conjunturas históricas o futebol brasileiro ramificou-se em algumas configurações, que são estruturadas em torno de regras e lógicas próprias. Segundo Damo (2003), uma das possibilidades de classificação destas configurações está alicerçada em quatro matrizes. São elas: a) profissional; b) bricolagem; c) comunitária; e d) escolar.²

Diante deste cenário, o objetivo deste artigo foi interpretar e analisar as teias de interdependência estabelecidas na configuração futebolística amadora pontagrossense, entre os

² A configuração profissional engloba os atores (jogadores, especialistas e torcedores) do futebol-espetáculo ou de alto rendimento. A bricolagem é desdobrada nas peladas, nos rachas, no fute e nas demais designações locais. A comunitária corresponde ao que em outros contextos é denominado de futebol de várzea, de bairro ou amador. Já a configuração escolar está vinculada as instituições de ensino, com enfoque pedagógico. Cf.

anos de 2013 e 2016. A realização desta pesquisa justifica-se pela carência de estudos que abordem o futebol para além da configuração profissional (DAMO, 2003). Neste viés, Freitas Jr. (2000) salientou que o grande número de estudos que se limitaram na interpretação e análise das configurações futebolísticas profissionais nos grandes centros urbanos, levam-nos a acreditar que a configuração da modalidade resume-se às particularidades destes locais. Desse modo, há a necessidade de investigar as configurações futebolísticas pouco exploradas, é o caso da matriz comunitária ou amadora, pois permitem através de seus códigos socioculturais próprios, uma leitura diferenciada da sociedade, podendo revelar singularidades quanto ao processo de formação cultural dos indivíduos ali inseridos.

Metodologia

Para efetivar a objetivação supracitada, optou-se pelos direcionamentos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo e analítico das configurações, através da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado. Nesse sentido, partiu-se inicialmente das indicações de Malinowski (1978), o qual salientou que uma investigação etnográfica deve orientar-se em três princípios: 1. A estruturação genealógica da “tribo”; 2. A vivência entre os nativos; e 3. A construção de um retrato completo e adequado da cultura nativa.

Estes princípios etnográficos foram efetivados por intermédio de tarefas distintas que não necessariamente apresentam uma ordem cronológica. Nesse estudo em questão, primeiramente estabeleceu-se o objeto de análise e os seus respectivos sujeitos, os quais sejam, a configuração futebolística amadora de Ponta Grossa, cidade localizada a 100 quilômetros da capital do Estado do Paraná. A qual possui uma história significativa no futebol paranaense, pois nela ocorreu o primeiro jogo de futebol do Estado (FREITAS JR., 2000; RIBEIRO JR., 2004).

Em sua história futebolística, dois clubes profissionalizaram-se, são eles: o Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC) e o Guaraní Esporte Clube (GEC). Sendo que, somente o primeiro permanece nesta condição, porém suas participações são sempre sazonais, entre altos e baixos. Embora não possua grande expressividade no cenário profissional nacional, a cidade possui uma cultura futebolística sólida, em certa medida, fortalecida pelos insucessos da configuração profissional, pois acabou tornando-se uma alternativa interessante para quem gosta de assistir e jogar futebol.

Assim, o Campeonato Amador de Futebol consolidou-se como a única competição realizada regularmente todos os anos na cidade, desde 1928, ano de fundação da atual Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG). Atualmente, o campeonato está desdobrado em três categorias, a Divisão Especial (jogadores acima de 15 anos), o Máster (jogadores acima de 35 anos) e o Sênior (jogadores acima de 45 anos). Diante dessa amplitude estrutural, optou-se por delimitar a investigação ao campeonato da Divisão Especial. A justificativa para essa delimitação está alicerçada na consolidação desta categoria como a de maior significância entre os indivíduos que a vivenciam.

Quanto à baliza temporal do estudo, realizado entre os anos de 2013 a 2016, é importante destacar que esta não foi definida *a priori*, pois a maior contribuição de uma investigação etnográfica é a possibilidade de submergir nas questões abordadas. Neste processo o contato prévio com a temática, a autorização e a aproximação com o grupo, a realização das primeiras descrições, a aceitabilidade e as conseguintes descrições densas são etapas diferenciadas em função do pesquisador e da configuração. Diante disso, compreende-se o tempo como uma “variável” dinâmica, não sendo adequado determinar aprioristicamente o tempo de permanência dentro do campo.

Como supracitado, um conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as primeiras estratégias de inserção ao campo. Neste estudo, observou-se por meio das produções científicas³ (artigos, dissertações, teses e livros) a caracterização do futebol amador, tanto em Ponta Grossa quanto em outras localidades. Na sequência, realizou-se uma visita a LFPG mediante a qual obtivemos os endereços, os telefones e a indicação dos responsáveis pelas equipes filiadas à instituição.

Após algumas tentativas de aproximação, conseguiu-se efetivar contato com o “responsável” pelo Olinda Esporte Clube, que se colou a disposição para esclarecimentos. Diante dessa receptividade, e da impossibilidade de estar presente ao mesmo tempo nos diversos estádios da cidade, uma vez que os jogos da competição ocorriam simultaneamente aos domingos pela manhã, solicitou-se a autorização para a inserção *in loco* nas instalações da equipe.

Mediante a autorização e a aceitabilidade dos indivíduos que vivenciavam a configuração futebolística amadora, além das partidas oficiais e dos momentos precedentes e subsequentes a elas, observou-se os jogadores durante seus espaços de socialização e de confraternizações, peladas⁴, jogos treino e amistosos, totalizando 120 saídas a campo. Para captar os elementos provenientes dessas observações foi fomentado um Diário de Campo (DC), pois os pesquisadores lembram-se somente das coisas que os motivam, descartando fatos considerados sem sentido no momento da observação (DAMATTA, 1987).

A partir dos conceitos “estar ali” e “estar aqui” (GEERTZ, 2010), ou seja, das tensões e conflitos do processo interpretativo, decorrentes do elevado envolvimento com as práticas cotidianas do grupo no momento das observações *in loco*, e do afastamento demasiado para as reflexões quando se está fora de campo, optou-se por efetivar o DC no interior e no exterior do campo. Além da anotação das informações consideradas relevantes, logo após a saída do campo se realizava narrativas das interações vivenciadas através do recurso do gravador, com o objetivo de minimizar as perdas da memória. As etapas subsequentes foram as transcrições dos áudios e o seu entrelaçamento com o relatório escrito, materializando uma descrição densa.

Segundo Geertz (2008) uma descrição “densa” efetiva-se quando os pesquisadores são capazes de interpretar os significados culturais e o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, através da observação e da vivência destas práticas oriundas de processos sociais, culturais e históricos. Ao passo que as descrições dessas vivências capturem os códigos incorporados pelos indivíduos, através dos gestos motores, das afetividades, dos ritos, dos valores morais e éticos dos grupos. Realizando através dessas pistas e indícios, a leitura desse texto complexo e fragmentado, que denominamos de configuração social.

Paralelamente as observações e estruturação dos DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das observações. Neste processo analítico considerou-se como fundamental no estabelecimento das categorias de análise, a frequência e a relevância das ações e as práticas simbólicas observadas.

Resultados e discussão

Identificar as lógicas específicas de funcionamento de uma configuração permite-nos avançar na direção de entender as identidades individuais e coletivas que constituem as relações interpessoais. Não obstante, além das ligações interpessoais de aliados ou adversários, há também ligações de indivíduos com unidades maiores, as quais são movidas através de sím-

³ Realizou-se o levantamento nas bases de dados: Portal de Periódicos CAPES, Scielo e Scopus. Com os termos de busca “Futebol AND Amador” e “Futebol AND Várzea”. Destacam-se os estudos de Rigo (2007), Stigger (1997), Campos (2015), Oliveira (2013) e no contexto local, de Ribeiro Jr. (2004) e Freitas Jr. (2000).

⁴ São jogos de caráter lúdico, onde regras como a presença de árbitros, a uniformização, as substituições ou o tempo de jogo são definidas em comum acordo entre as equipes.

bolos (escudo, bandeira ou time), carregados de aspectos emotivos. Isto é, as ligações de interdependência emocional podem ser face a face, ou por meio de símbolos comuns aos indivíduos (ELIAS, 2005). Por isso, buscou-se compreender algumas características da configuração futebolística amadora pontagrossense, embasando-se na teoria configuracional de Norbert Elias.

Segundo o autor, nas diferentes estruturas sociais, como: a família, a escola, o Estado e o futebol, pode-se observar ligações, elos que prendem os indivíduos uns aos outros através de graus de afinidade, pertencimento ou necessidade de estabelecer estes vínculos. Elias (2005) chama este fenômeno de “teias de interdependência” ou “configurações”, as quais se estabelecem de um indivíduo para outro ou entre indivíduos e estruturas.

Segundo Elias (2005), em um grande centro urbano, onde a maioria dos indivíduos não se conhece, eles não estão isolados, inatingíveis as mudanças sociais. Mesmo “só”, dependem uns dos outros e são essas interdependências as responsáveis pela manutenção da vida em sociedade. Através dessas dependências funcionais os indivíduos interligam-se a um “todo” social, rompendo-se com a visão dicotômica de que há *indivíduo* ou *sociedade*, uma vez que ambos só existem devido a dependência funcional de suas configurações.

Em sociedade, os indivíduos fazem parte de um local, vivem em um lugar, exercem determinadas funções e têm ou tiveram uma renda (alta ou baixa), e, ao passarem pelas ruas, as suas funções e rendas, mais evidentes ou mais ocultas, passam com eles (ELIAS, 1994). Assim, o presente dos indivíduos está diretamente ligado ao passado, ao passo que, não lhe é possível em um piscar de olhos, assumir outra função ou mudar radicalmente seu estilo de vida.

Ele pode mudar de profissão, escolher um caminho completamente diferente, porém será necessário mais do que o desejo, haverá um processo de reorganização permeado de encruzilhadas. Esta ordem invisível não se restringe apenas às barreiras externas ao “eu”, trata-se de um *habitus* incorporado pelo indivíduo, destarte o conflito não será somente com a sociedade, mas consigo mesmo.

Muitas vezes olhar para o todo não nos permite a compreensão destas configurações, porém um olhar microscópico pode fornecer elementos capazes de auxiliar em investigações mais amplas, uma vez que, em menor escala, estes grupos também estabelecem redes de interdependência. Foi o que fez Elias (2000) ao investigar as relações de poder em Winston Parva, cidade fictícia, subdividida em três Zonas reconhecidas pelos habitantes como distintas.

Na Zona 1 encontrava-se a área residencial de classe média, já as Zonas 2 e 3 eram as áreas operárias da cidade. Quanto a profissão, renda e classe social, os indivíduos destas últimas não apresentavam diferenças explícitas. Entretanto, os moradores da Zona 2 viam-se superiores aos da Zona 3, por considerarem-se “estabelecidos” na cidade a anos. Já os *outsiders*, moradores da Zona 3, haviam chegado posteriormente e devido a algumas “famílias-problema” eram marginalizados pelos demais. Para tanto, eles “desenvolveram como arma uma ‘ideologia’, um sistema de atitudes e crenças que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior” (ELIAS, 2000, p. 65).

Deste modo, esta “ilusão de ótica” presente na construção das imagens sociais, fez com que a imagem dos estabelecidos fosse engrandecida e a dos *outsiders* reduzida à inferioridade e ao fracasso. Para o autor, o mesmo pode ser observado nas relações de poder de outras configurações da sociedade. Em uma partida de futebol, por exemplo, visualiza-se uma ordem hierárquica estabelecida por relações de “eu e ele”, “nós” ou “eles”. Assim, para se compreender essas configurações em sua pluralidade, precisa-se entender quais os mecanismos que permitem a existência de uma dependência funcional dentro de uma configuração composta por indivíduos com poderes desiguais (ELIAS, 2005). Em busca de compreender

essas identidades e símbolos comuns que constituem a configuração futebolística amadora de Ponta Grossa, foi que se adentrou ao *locus* do presente estudo.

A configuração futebolística amadora pontagrossense

Levando em consideração os pressupostos teóricos e metodológicos supracitados, iniciou-se a ida ao campo em 22 de junho de 2014, data em que ocorreu a primeira rodada do campeonato de futebol amador de Ponta Grossa. Diante da multiplicidade de possibilidades, optou-se por iniciar a inserção no campo indo ao estádio André Mulaski, pertencente ao Olinda E. C., que enfrentou a equipe do Clube Princesa dos Campos, esta decisão foi tomada pelo fato da diretoria do Olinda E. C. ter sido a primeira a autorizar a presença dos pesquisadores.

Ao chegarmos ao local da partida, fomos recebidos pelo diretor de esporte, conhecido pelo apelido de Russo. Apesar da receptividade amigável, ele foi realizar os seus afazeres. Por conseguinte, tentou-se uma aproximação voluntária, mas, no contexto dessa partida e nas subsequentes, elas foram, em certa medida, frustrantes. Esta situação também ocorreu nos estádios das outras equipes. As rodas de conversa pareciam-nos impenetráveis, não pela invisibilidade, mas pela especificidade dos diálogos, os quais exigiam um nível de entendimento sobre as histórias de vida dos indivíduos e sobre as competições futebolísticas locais, que distanciava a participação de forasteiros desprovidos do conhecimento de tal rede de informações.

A aceitabilidade pelo grupo é elemento essencial na pesquisa etnográfica, como evidenciou Geertz (2008) ao interpretar as interações simbólicas entorno das Brigas de Galos, em Bali. Para superar essa etapa, entendemos que além da presença regular no campo, ao menos três acontecimentos significativos nos ajudaram a superar essas camadas de envolvimento.

O primeiro deles aconteceu enquanto observávamos uma partida da equipe do Olinda E. C., e o técnico da equipe lembrou de uma amizade antiga do seu filho comigo, e não obstante, de uma disputa futebolística que participamos conjuntamente pelo campeonato municipal de futebol da categoria sub-17, ocorrido no ano de 2011, no qual defendemos o Clube Princesa dos Campos em oposição ao Operário Ferroviário E. C. Esta situação acabou influenciando na aproximação com os outros indivíduos, pois além de estabelecer um vínculo de amizade com alguém significativo para o Olinda, passou-se a ser reconhecido (assim como eles), como alguém do futebol (Diário de Campo, 19/10/2014).

Em 2014 poucos avanços foram alcançados, houve a necessidade da continuidade das observações. Como este já era o segundo ano em que acompanhávamos o clube, percebemos que houve menos estranhamento com a nossa presença, após algumas rodadas passamos a receber convites para participar das confraternizações realizadas entre os jogadores e dirigentes do Olinda E. C. Em um desses encontros na lanchonete do estádio, percebeu-se a importância da companhia da minha namorada, pois neste clube as relações familiares são bastante significativas. Esse acontecimento tornou-se mais evidente no decorrer das participações dos encontros, quando se tomou conhecimento da existência de almoços festivos destinados somente aos jogadores casados, noivos ou que estivessem namorando, regra que reforçava a noção de família, expressa por Russo ao utilizar a metáfora do casamento: “[...] aqui é como um casamento, tem momentos bons e ruins, mas é na dificuldade que é preciso lutar para a relação não acabar, além de festejar sempre as alegrias” (Diário de Campo, 26/04/2015).

No ano de 2016, 21 equipes participaram da competição, as quais foram divididas em três grupos⁵. Neste formato, após o turno único nos grupamentos, as quatro melhores equipes de cada grupo classificaram-se para a “Série Ouro” e as demais disputaram a “Série Prata”.

⁵ Grupo A: América, Parque do Café, Milan Santa Mônica, Santa Cruz, Carambeí, Tibagi e Palmeiras; Grupo B:

O prolongamento da competição devido ao aumento na quantidade jogos gerou certo esvaziamento de atletas, principalmente nos clubes da Série Prata, caso do Olinda E. C. Este fator contribuiu para o terceiro acontecimento chave desse processo de aceitabilidade no grupo, efetivada após a minha participação no último jogo oficial do campeonato. Devido a impossibilidade do único goleiro do elenco disputar a rodada final da competição, pois havia sido expulso na partida anterior e devido ao fato de alguns jogadores saber da minha experiência como goleiro, fui convidado a participar efetivamente da partida. Ao término deste jogo, uma frase dita por um dos jogadores revelou a significância daquele acontecimento: “Agora sim, bem-vindo à família!” (Diário de Campo, 30/07/2016).

A aceitabilidade no Olinda E. C., também facilitou a aproximação com as demais equipes participantes do campeonato amador de Ponta Grossa, pois sempre que o clube enfrentava algum adversário, não só éramos apresentados para os responsáveis da outra equipe, como os próprios membros do Olinda iniciavam os diálogos refazendo perguntas que havíamos feito a eles anteriormente. Assim, a reciprocidade e aceitação desses indivíduos para conversas subsequentes foi significativamente maior. Esses encontros permitiram-nos também perceber a existência de uma grande rede de interdependência.

Superada a fase do distanciamento, apurou-se a existência de significativas distinções entre os jogadores que compunham as equipes, como, por exemplo, a faixa etária, localidade geográfica de residência dos jogadores e da sede do clube, escolaridade, ocupações profissionais e, por conseguinte, nível socioeconômico. Tais categorias permitem visualizar mesmo que de forma genérica a configuração deste espaço composto por jogadores com idade entre 15 e 48 anos, advindos dos quinze bairros existentes na cidade de Ponta Grossa⁶, a maioria dos jogadores possui ensino médio completo e atuam nas seguintes profissões: advogado, autônomo, caixa de supermercado, caminhoneiro, carteiro, empresário, encanador, estudante, inspetor de colégio, lavador de carros, microempresário, militar, operador de produção, padeiro, pedreiro, policial militar, professor da educação básica, professor de ensino superior, segurança, serralheiro, supervisor de vendas e um número relativo de jogadores desempregados (19%).

Em todos os campos de futebol da cidade em que são disputadas as partidas do campeonato amador local, identificou-se a presença assídua de torcedores (familiares, amigos dos jogadores e moradores da região), que por vezes, encontravam nos campos e nas partidas de futebol, um dos poucos espaços para a participação em atividades ludo-esportivas, presença esta que era mais acentuada nos bairros periféricos, pois nesses espaços foi possível identificar relações afetivas mais consistentes com os clubes, que não eram somente um local da prática do futebol, mas da realização de festas de aniversários, dos almoços de domingo, do bazar beneficente e de outras ações sociais promovidas pela comunidade local. Atividades estas que fortaleciam o vínculo e o sentimento de pertencimento, o qual se materializava e em certa medida se expressava através da presença e da torcida para a equipe de futebol. Deste modo, pode-se perceber que o futebol imprime um movimento significativo às paisagens cotidianas que fazem parte dessa configuração (SILVA; CHAVEIRO, 2007).

Observando as lógicas específicas desta configuração, verificou-se que as relações de poder em torno da escalação dos jogadores é um dos principais aspectos para compreensão da identidade coletiva das equipes. Quando questionados sobre quem define a escalação, a figura

Vila Velha, Ipiranguense, UCA, Esportiva W3, Audiponta e Metalurgente; Grupo C: Clube Princesa dos Campos, Santa Paula, ARCAMP, Olinda, Cará-Cará Santa Bárbara, Mundial Auto Center/DER e Itaiacoca.

⁶ Os jogadores são residentes nos 15 bairros existentes na cidade – Boa Vista, Cará-Cará, Centro, Chapada, Colônia Dona Luiza, Contorno, Estrela, Jardim Carvalho, Neves, Nova Rússia, Oficinas, Olarias, Órfãs, Ronda e Uvaranas. Além disto, o campeonato conta com a participação de jogadores oriundos de cidades próximas: Carambeí, Curitiba, Fernandes Pinheiro, Guamiranga, Imbituva, Ipiranga, Palmeira, Prudentópolis, Telêmaco Borba e Tibagi.

do técnico foi central no discurso dos jogadores. Estes, por sua vez, alegam que o critério para a escalação é “jogar bola” (habilidade técnica), mas somente isto não basta, é necessário participar das peladas e dos amistosos (regra do envolvimento), respeitar os horários preestabelecidos (regra do horário), não faltar os jogos oficiais, do contrário mediante justificativa aceita coletivamente (regra do comprometimento), respeitar e ter um bom relacionamento com os companheiros de equipe, com os familiares que o acompanham, com os “veteranos” e adversários (regra da humildade).

Nessa dinâmica entre as regras supracitadas, o técnico procura encontrar um equilíbrio justificável e legítimo na estruturação hierárquica da equipe, do contrário, suas escolhas serão questionadas e embora possua um “discurso competente”, ou seja, um discurso proferido, ouvido e aceito como verdadeiro (CHAUI, 2007), o grupo tenderá a dividir-se. Também porque o estabelecimento dessas regras não emergiu diretamente do seu desejo, mas sim através de conflitos e alinhamentos de ideias e valores ao longo da trajetória dos indivíduos e do clube.

Um exemplo desta argumentação foi realizada no bar do clube pelo técnico da equipe, após mais uma das partidas do campeonato:

Há uns 15 anos atrás a gente era conhecido pelas brigas, pelo quebra pau com outros times e árbitros. Agora queremos fazer do Olinda um time onde os jogadores queiram vir e não a gente ir atrás deles, pra você ver, pra esse ano temos seis jogadores que saíram e hoje querem voltar, porque aqui é família. Queremos passar o domingo aqui, tomar cerveja, se divertir, fazer um churrasquinho, tudo família, vamos mudar a imagem de time briguento (Diário de Campo, 12/04/2015).

A partir das interações simbólicas observadas através das regras supracitadas, dos objetivos dos jogadores e do clube, infere-se que questões, como poder aquisitivo, profissão, escolaridade e até mesmo a habilidade possuem certo valor, mas não valor hegemônico perante outras regras. Deste modo, critérios que socialmente atribuem um grande poder ao indivíduo no estabelecimento da hierarquia social, como o nível socioeconômico, tornam-se secundários, permitindo o seguinte questionamento: Os jogadores *outsiders*, no contexto da cidade de Ponta Grossa, são também *outsiders* nesta configuração específica?

Para justificar esta questão, torna-se necessário apresentar em um primeiro momento, em que contexto o conceito de *outsiders* emprestado de Norbert Elias (2000) se aplica nessa realidade. Segundo Nascimento (2008), a fragmentação de Ponta Grossa em bairros é permeada por processos históricos e socioculturais de espacialização, por meio dos quais os bairros foram subdivididos ancorados a partir de parâmetros das classes sociais existentes na cidade.

A exclusão/inclusão social se organiza em Ponta Grossa, segundo o autor, na forma de setores. Na região central da cidade, se concentram as populações socialmente incluídas e que usufruem das melhores condições de vida (os estabelecidos). Em direção à periferia da cidade, se estabelece uma forte disparidade de acesso a elementos básicos, para que se tenha qualidade de vida. Neste processo, os moradores dos loteamentos mais novos na cidade, e mais distantes espacialmente, devido à forte especulação imobiliária (NASCIMENTO; MATIAS, 2011), são os mais afetados pelos estigmas de inferioridade.

Neste contexto, devido as suas lógicas específicas, a configuração futebolística amadora de Ponta Grossa tenciona as dificuldades do processo de reorganização pessoal descrito por Elias (1994), pois essa mudança torna-se possível sem tantas encruzilhadas. Ao passo que o estigma de *outsider* vivido por um jogador (com baixa escolaridade, desempregado, residente nas áreas mais afastadas do centro urbano) ao longo da semana, coloca-se em “xeque” toda vez que ele adentra a configuração futebolística e é conhecido e reconhecido pelos demais companheiros e adversários.

A fim de compreender-se como essa nova ordem hierárquica é estruturada, problematiza-se o comportamento de alguns destes indivíduos observados, pois durante a pesquisa vários jogadores alegaram serem meros coadjuvantes (principalmente aqueles com baixa escolaridade ou que trabalhavam em profissões vistas socialmente como menos relevantes), apontando como “importantes” os mais antigos de clube, mas também os jogadores estabelecidos socioeconomicamente, mesmo que estes atletas estivessem jogando pelo primeiro ano no clube ou que fossem reservas. Tal discurso, independente da sua veracidade, revela um comportamento semelhante ao exposto por Elias (2000) em que os *outsiders* aceitavam o *status* de inferioridade que lhes era atribuído.

Certamente não devemos ser ingênuos, pois o indivíduo que contribui financeiramente ou que devido ao seu cargo pode oferecer benefícios ao clube terá um espaço no elenco. No entanto, o *status* construído por esse indivíduo fora da estrutura clubística é tencionado.

Em um dos momentos de confraternização após o jogo, patrocinado por um dos jogadores, questionou-se em tom de piada, se esta seria uma estratégia, para que fosse escalado no próximo jogo. Este de forma humorada respondeu que para o jogo seguinte não daria, “na próxima vamos jogar com o líder do campeonato, não tem como né, só na outra que pegamos um time mais pé duro que o nosso, daí eu entro no final quando os caras estiverem cansados”. (Diário de Campo, 27/09/2015).

Seguindo as orientações da antropologia, buscou-se compreender como este indivíduo se reconhecia. Estabelecido socialmente, este jogador compreendia que ao entrar em campo o seu papel no grupo não era mais o de protagonista. Mesmo contribuindo financeiramente, somente isso não lhe garantia a titularidade, pois era necessário que provasse em campo o mérito da posição. Essas tensões presentes nas interdependências estabelecidas pelos indivíduos nos clubes e em suas vidas cotidianas, problematizam esta “ilusão de ótica”.

Ao longo da pesquisa encontrou-se no vestiário, um lugar importante para compreender o empoderamento dos jogadores em condições sociais de exclusão, pois nesse espaço ocorrem as discussões, os acordos, as estratégias e tudo aquilo que deve ser evitado em conversas exteriores. As equipes encontram ali, o momento ideal para alinhar seus desejos pessoais em torno de uma meta coletiva. Para algumas equipes, esta meta deve ser compreendida como a conquista do título amador, no caso do Olinda E. C., tornava-se latente a busca pela construção de uma identidade coletiva em torno do clube. Não obstante, para atingir esse nível de coletividade, a coesão do grupo torna-se fundamental, o que significava encontrar equilíbrio nas relações de poder, uma tarefa complexa se consideradas as diferenças entre os jogadores.

Neste espaço, antes do início e após o término dos jogos, o grupo formava uma grande roda para orientações, oração e discursos predicativos. Geralmente, os indivíduos com cursos competentes (alguns jogadores, técnico e algumas vezes os veteranos) proferem elogios àqueles jogadores que se destacaram no decorrer da partida, ou em jogos anteriores. Seja por um gol feito, um passe, a marcação sobre um jogador adversário ou até mesmo por um carrinho. Na grande maioria das vezes, o elogio não ocorre pelo êxito, mas pela tentativa, pelo esforço.

Desse modo, o elogio ou a crítica, perante todo o grupo, torna-se uma ação agregadora de poder ao indivíduo que somado ao cumprimento das regras, fundamenta o estabelecimento social de um jogador na estrutura. Muitos dos jogadores que se estabeleciam e, assim, ganhavam papel de destaque e protagonismo na estrutura, eram aqueles que possuíam características de vulnerabilidade e exclusão social. Assim, em meio à existência de grandes diferenças instaura-se um equilíbrio de poder, estruturado através de uma identidade coletiva expressa pela noção de família, devido a grande carga emocional e afetiva desses momentos.

Isso nos permite compreender esta interdependência funcional entre os indivíduos, que embora possuam distinções e forças desproporcionais nas relações de poder dependem uns dos outros para coexistirem, seja nas relações internas de um clube ou para a manutenção da configuração futebolística amadora pontagrossense.

Considerações finais

Infere-se que em Ponta Grossa o futebol amador tornou-se um símbolo capaz de criar vínculos entre indivíduos de diversas localidades, idades, com construções culturais e padrões econômicos distintos. Os padrões de comportamento e os valores que se exigem dos indivíduos tencionam suas realidades sociais, estabelecendo a partir das vivências dentro e fora de campo, um equilíbrio de poder em certa medida, diferente do observado em uma perspectiva macroscópica na cidade.

Assim, a ilusão de ótica construída nas imagens sociais entre o bem sucedido e o fracassado é problematizada, ao passo em que o estabelecido socialmente perde protagonismo nas teias de interdependência. Já os normalmente considerados *outsiders* em outras configurações, ao adentrarem nestes ambientes deixam o estigma da marginalidade e assumem um papel de destaque nessa nova ordem. Desse modo a estrutura futebolística amadora pontagrossense apresenta-se com uma configuração em que se estabelecem relações de microtensões às ordens sociais vigentes, as quais a longo prazo podem contribuir para a mudança de certos hábitos sociais, auxiliando no empoderamento dos indivíduos marginalizados.

Referências

CAMPOS, F. R. G. Ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções: integração do espaço amazonense através da centralidade subterrânea. **Revista Ra'E Ga**. Curitiba, v. 35, p. 288-313, 2015.

CHAUÍ, M. de S. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DAMATTA, R. et. al. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.

DOMINGOS, N. Cultura popular urbana e configurações imperiais. In: JERÓNIMO, M. B. (Ed.). **O Império colonial em questão (sécs. XIX-XX)**: poderes, saberes e instituições. Lisboa: Edições 70, 2012. p. 391-421.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

_____. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, N.; SCHROTER, M. (Org.). **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREITAS JR., M. A. de. **Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná**. 2000. 133f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 2010.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NASCIMENTO, E. **Espaço e desigualdades: mapeamento e análise dinâmica de exclusão/inclusão social na cidade de Ponta Grossa**. 2008. 173f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, 2008.

NASCIMENTO, E.; MATIAS, L. F. Expansão Urbana e Desigualdade Socioespacial: Uma Análise da cidade de Ponta Grossa (PR). **RA E GA**. Curitiba, v. 23, p. 65-97, 2011.

OLIVEIRA, A. de P. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. **Espaço Plural**. Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 114-139, 2013.

RIBEIRO JR, J. C. **Futebol Pontagrossense Recortes da História**. Ponta Grossa, PR: Editora UEPG, 2004.

RIGO, L. C. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83-98, 2007.

SILVA, A. B.; CHAVEIRO, E. F. O jogo de bola: Uma análise socioespacial dos territórios dos peladeiros. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2007.

STIGGER, M. P. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**. Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

Recebido em: 21/07/2017

Revisado em: 16/04/2018

Aprovado em: 20/04/2018

Endereço para correspondência:

edilsonde.oliveira@outlook.com

Edilson de Oliveira

Universidade Estadual de Ponta Grossa,

Avenida Carlos Cavalcanti - Campus Universitário

Uvaranas

84030-900 - Ponta Grossa, PR - Brasil